

ARTIGO

As enchentes no RS e a face dolorosa do ESG

ANDREA PAMPANELLI

Doutora em Sustentabilidade e Engenharia pela Universidade de Cardiff/UK e pela Ufrgs, integrante da Comissão de Sustentabilidade do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa, professora e consultora pela The Green Factory

O conceito de ESG (em português, Ambiental, Social e Governança), criado em 2004 no relatório "Who cares wins", produzido pelo International Finance Corporation (IFC), nasce quando se inicia um novo ciclo de mudanças do pensamento econômico, que põe em xeque os paradigmas ancorados nas ideias iluministas de Adam Smith e Karl Marx, de que a natureza é fornecedora infinita de recursos para a sociedade.

O termo se refere à análise dos três fatores intangíveis nas práticas de investimentos e tomada de decisão, considerando aspectos não-financeiros como marca, reputação, qualidade da governança e da gestão. Se a pandemia foi o grande marco no olhar das empresas sobre o ESG, considerando o valor sustentável do negócio, propósito e ética do bem comum, o que vivemos no Rio Grande do Sul torna ainda mais imperativo o debate.

Os gaúchos sentem na pele o impacto das mudanças climáticas, parte do "E" do ESG. A tragédia, que novamente devasta a vida das pessoas, com intensidade cada vez maior, nos

mostra uma face humana dolorosa. Frente a esse cenário, o que fazer?

Pensar na mitigação do sofrimento é prioritário. No entanto, ter a capacidade de se adaptar, enquanto pessoas e enquanto negócios, talvez seja o que vai nos diferenciar para viver neste que já chamamos de novo normal. Criar uma estratégia para entender que as catástrofes vão fazer parte das nossas vidas é condição para a sobrevivência. De "fazer menos mal" devemos "criar mais bem".

O clima precisa estar na agenda, com análise das condições e sistemas que impactam no negócio, impondo-se a capacidade de suporte dos sistemas naturais e humanos a outros tão relevantes quanto, como a prevenção à poluição e aplicação de tecnologias limpas. E é claro que qualquer estratégia que venha a fazer parte dessa agenda deve primar pela máxima produtividade no uso dos recursos naturais e mínimo impacto ambiental.

As enchentes trazem o ESG da teoria para a prática. O "G" nos impulsiona a pensar no futuro, nos riscos, na ética das coisas; o "E" nos obriga a ter uma estratégia climática inovadora que contemple mitigação e adaptação, que pense em circularidade para minimizar a enormidade de materiais gerados pelo desastre; e o "S" nos mostra que não existe a possibilidade de ver um problema

sem considerar as pessoas e as suas necessidades.

Se tudo isso, por si, não é motivo suficiente para as empresas aderirem à agenda, quem sabe, a partir de agora, ao olhar para o nosso Guaíba, além de desfrutar da beleza e do pôr-do-sol, possamos entender o quanto o ESG é imperante na vida de todos.



Os gaúchos sentem na pele o impacto das mudanças climáticas, parte do "E" do ESG. A tragédia, que novamente devasta a vida das pessoas, nos mostra uma face humana dolorosa

EXPECTATIVAS

Esperança de que o Dia do Meio Ambiente de 2025 seja melhor

Especialistas que trabalham com o tema do meio ambiente no Rio Grande do Sul colaboraram de diversas formas na elaboração deste especial. Há artigos, entrevistas e insights nas páginas a seguir. Abaixo, eles também dizem o que esperam para o Dia do Meio Ambiente de 2025.

Andrea Pampanelli (autora do artigo ao lado):

"Eu gostaria de saber que o Rio Grande do Sul criou realmente um plano de resiliência climática que considerou efetivamente os principais riscos aos quais o Estado está submetido, com ações emergenciais já implementadas, de médio e longo prazo. E que tenhamos políticas públicas sérias, que olhem para o tema das mudanças climáticas com a seriedade que exige. Nós não podemos sair desta catástrofe da mesma forma que entramos."

Michelle Squeff, coordenadora-geral do capítulo Rio Grande do Sul, do IBGC (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa), Conselheira de Administração, CEO e Founder da Governança Orgânica:

"Gostaria de uma notícia assim: Governança climática em alta: pesquisa indica que aumentou o número de empresas que mapearam seus riscos, as medidas de adaptação e o custo para implementação dentro dos próximos

10 anos. O que o Brasil precisa é estabelecer uma política climática baseada em um dos inúmeros estudos disponíveis no setor."

Mariana Bonotto, professora na Faculdade de Ciências Econômicas da Ufrgs, doutora em Administração (Inovação, Tecnologia e Sustentabilidade):

"Gostaria de ver noticiado que as enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul em 2024 aceleraram o processo de implementação das práticas ESG no meio corporativo e, se continuarmos com essa rapidez e eficiência, atingiremos todas as metas ambientais dos objetivos do desenvolvimento sustentável até 2030."

Maira Petrini, professora da Escola de Negócios da Pucrs e coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre Sustentabilidade e Negócios com Impacto Social, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Negócios da Pucrs:

"Gostaria de ver toda essa mobilização que se materializa em iniciativas das empresas para reconstruir o RS mobilizada em financiamentos para adaptação à meta global vinculada ao Acordo de Paris, cujo objetivo é aprimorar a capacidade de adaptação do mundo, fortalecendo a resiliência e reduzindo a vulnerabilidade às mudanças climáticas."

05 de junho
Dia Mundial do
Meio Ambiente

PLÁSTICO
PRESERVA

**Plástico: Preservando Vidas,
Construindo um Mundo Consciente.**

A reconstrução sustentável do Rio Grande do Sul é mais que uma necessidade: é uma **responsabilidade coletiva**. Juntos, podemos transformar esse momento de adversidade em uma oportunidade para construir um **futuro melhor para todos**.

É a indústria do plástico otimista para se reerguer com inovação e sustentabilidade ambiental.

Nos siga: @sinplastrs @repenseprojeto

Sinplastrs

